
MÉDICOS DE PORTUGAL SOB OLHAR DE JULIANO MOREIRA HISTORIADOR

PORTUGUESE DOCTORS UNDER THE VIEW OF JULIANO MOREIRA HISTORIAN

Ronaldo Ribeiro Jacobina

Doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ). Mestrado em Saúde Comunitária pela Faculdade Medicina da Bahia na Universidade Federal da Bahia (FMB/UFBA). Professor da FMB/UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4006-6595>

RESUMO: Objetivo: apresentar um dos talentos do médico Juliano Moreira: historiador, através de cinco biografias: médicos portugueses Manuel Bento de Souza, que, segundo Moreira, produziu menos pelas dificuldades em Portugal; Júlio Matos, responsável pelo ensino oficial da Psiquiatria no curso e aplicação na medicina legal; Júlio Dantas, destacado político e escritor; e brasileiro naturalizado português, Miguel Bombarda, psiquiatra autodidata, nome de manicômio em Lisboa. Por fim, português naturalizado brasileiro e formado na Fameb, Silva Lima, protagonista da chamada “Escola Tropicalista Bahiana”. São colegas na profissão que Moreira conheceu pessoalmente e teve respeito intelectual (de alguns também pelo talento além da Medicina).

Palavras-chave: Juliano Moreira- biografia; Psiquiatria em Portugal; História da Medicina – Brasil e Bahia

ABSTRACT: Objective: to present one of the talents of doctor Juliano Moreira: be a historian, through five biographies: Portuguese doctors Manuel Bento de Souza, who, according to Moreira, produced less due to difficulties in Portugal; Júlio Matos, responsible for teaching Psychiatry and apply in forensic medicine; Júlio Dantas, outstanding politician and writer; and Brazilian naturalized Portuguese, Miguel Bombarda, self-taught psychiatrist, name of an asylum in Lisbon. Finally, Portuguese naturalized Brazilian and graduated from Fameb, Silva Lima and protagonist of the “Escola Tropicalista Bahiana”. They are professional colleagues that Moreira knew personally and had intellectual respect (from some for talent beyond Medicine).

Keywords: Juliano Moreira- biography; Psychiatry in Portugal; History of Medicine - Brazil and Bahia.

1 O HISTORIADOR DA MEDICINA E DAS CIÊNCIAS EM GERAL

Em 1901, Juliano Moreira que já vinha como colaborador desde meados da década anterior, assumiu a redação chefe da *Gazeta Médica da Bahia* (GMBa), ficando até final de

1902 (três anos), quando se transferiu para morar no Rio de Janeiro, então capital da República (JACOBINA, 2019).

Nesse período de redator e colaborador mais assíduo na *Gazeta*, consolidou-se outra área temática do dermatologista, psiquiatra, médico social e antropólogo médico: a do historiador de medicina e das ciências em geral, que se iniciou em 1895, com as notas biográficas dos três Carlos alemães: Karl Ludwig, fisiologista, Karl Thiersch, cirurgião, e Karl Vogt, biologista” (MOREIRA, jun. 1895a), e sua apresentação sobre a vida e obra de Louis Pasteur, na sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia (SMCB), realizada em 6 de outubro de 1895, e transformada em artigo na GMBa. (MOREIRA, out. 1895b).

No primeiro registro, sobre os cientistas alemães (MOREIRA, 1895c), JM expressou a sua definição de *mestre* ao dizer que “verdadeiro mestre não deve ser chamado aquele em cuja caderneta figuramos, [...] e sim aqueles que ensinaram a seus discípulos com paciência e ilimitado desprendimento a emprender pesquisas originaes” (MOREIRA, jun. 1895c, p. 436).

Sobre Louis Pasteur, em sua exposição, o historiador médico fez uma breve biografia, com ênfase na trajetória acadêmica do cientista, mas, sobretudo, descreveu as pesquisas desse bioquímico que revolucionou as ciências biomédicas, desde os estudos das 40 fermentações, da doença do bicho da seda, cólera nas galinhas, carbúnculo nos carneiros, quando criou a vacina e não recusou o convite para a vacinação pública com “vírus atenuados”, feita por uma sociedade agropecuária francesa. E, por fim, a vacinação da raiva humana, *citando êxito* (o pequeno Meister), que animou seus discípulos, e *insucesso* (Luiza Lepellier), que fortaleceu seus adversários (MOREIRA, out.1895b).

Já como redator, escreveu breves traços biográficos de médicos e cientistas renomados, com destaques para alguns que conheceu pessoalmente, como os professores Hugo Wilhelm von Ziemssen, patologista alemão, Moniz Kaposi, dermatologista húngaro, professor da Universidade de Viena. Comentou nos escritos a lhanza que estes mestres tinham com os estrangeiros que deles se acercassem (MOREIRA, fev. 1902b, p. 379; abr. 1902e, p. 483).

Aqui é feita a ponte para *o objetivo* deste trabalho: identificar e descrever as breves biografias que o mestre baiano escreveu de intelectuais de Portugal, sobretudo os médicos portugueses. É uma pesquisa histórica qualitativa, com dados bibliográfico e alguns documentais, obtidos no Arquivo Anselmo Pires de Albuquerque e na Biblioteca Gonçalo Moniz na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB, sigla; Fameb, acrônimo da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O primeiro que destacaremos é o Prof. **Bento de Souza (Figura 1)**, clínico e cirurgião português, cuja breve biografia Juliano Moreira escreveu em 1899, portanto, antes de ter assumido o cargo de redator chefe da *GMBa*.

Figura 1: Prof. Manoel Bento de Souza (1835-1899), clínico e cirurgião português



Fonte: Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

Manuel Bento de Sousa nasceu em Ponte da Barca, em 5 de dezembro de 1835 e se encantou em Lisboa, no dia 29 de abril de 1899. Com dois anos ficou órfão, tendo sido recolhido pelo Conde de Murça, que lhe proporcionou uma educação esmerada.

Fez Medicina, na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo sido um famoso clínico, cirurgião. Foi anatomista primoroso escritor, conhecido polemista e, por fim, agricultor. Foi presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa em 1875-1876. (PEREIRA; BOTELHO;

SOARES, 2016) Com Miguel Bombarda e Souza Martins criou a revista semanal *Medicina Contemporânea* (DORIA, 2016).

Por motivo de risco ocupacional (risco químico pelo uso de ácido fênico como anestésico, sugerido pelo cirurgião britânico Joseph Lister (1827-1912), que desencadeava e agravava a sua enxaqueca crônica), esse médico cirurgião se afastou da especialidade. Este ilustre cirurgião atingiu o maior prestígio e autoridade clínicas do seu tempo. Todavia os poucos trabalhos científicos que lhe deram fama na época são de Anatomia (sem dissecação). Uma pura elaboração intelectual, também sem confirmação prática, conduziu-o à descoberta da função gustativa do nervo intermédio de Wrisbreg. Como JM, autor de sua breve biografia, adotou também um ponto de vista médico social. Ele escreveu dezenas de páginas para explicar a *Epidemia extravagante* de 1894, “contestando vivamente, como colerista, as conclusões de Câmara Pestana sobre o agente responsável pela epidemia” (PEREIRA; BOTELHO; SOARES, 2016).

Sua orfandade marcou sua vida. Apesar do apoio que recebeu e foi grato, sentia o meio mesquinho e não estimulante, o que o teria levado a escrever *A Parvónia*, sua obra literária mais famosa, com um quadro caricatural dos costumes da Capital do reino de Portugal. Outra obra foi *O Doutor Minerva*, crítica humorística ao ensino da História de Portugal. (PEREIRA; BOTELHO; SOARES, 2016)

O jovem psiquiatra afro-baiano não fazia uma biografia celebratória. Depois de destacar os méritos como médico, professor e escritor, ele reconheceu que Dr. Bento de Souza não produziu tanto quanto era capaz de fazê-lo, mas ponderou que

ele viveu em um meio intelectual o qual nada lhe foi incitamento, por isso que em Lisboa como no Brasil *não há influxos que estimulam ambições nos centros em que se faz sciencia* e se galardo a o mérito (MOREIRA, 1899, p. 576-577; grifo nosso).

Em seus necrológios e breves biografias, era sempre uma oportunidade para Moreira expressar as dificuldades que ele próprio vivia, como muitos dos seus biografados, para realizar uma prática médica moderna e produzir pesquisas relevantes.

2 TRÊS MÉDICOS PSIQUIATRAS INDELÉVEIS EM PORTUGAL

Em 1906, ao representar oficialmente o Brasil no XV Congresso Internacional de Medicina em Lisboa, o psiquiatra baiano ficou duas semanas na capital portuguesa e manteve importantes contatos com médicos e professores lusitanos ou de brasileiro já com cidadania portuguesa. Pela ordem de nascimento, o primeiro destaque é para o Dr. Miguel Bombarda (**Figura 2**)

Figura 2: Prof. Miguel Augusto Bombarda (1851-1910). Brasileiro de nascimento naturalizado português. Médico psiquiatra e cidadão republicano.



Fonte: Wikipedia.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Bombarda#/media/Ficheiro:Miguel_Bombarda.png

Miguel Augusto Bombarda nasceu no Rio de Janeiro, em 1851, com sete anos mudou-se para Portugal e aos 18 anos escolhe a cidadania portuguesa (DORIA, 1916). Formado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1877, defendeu a tese inaugural com o tema “Delírio das Perseguições” (PASSOS, 1975).

Ele se tornou catedrático na escola médica que se formou na cadeira de Fisiologia e Histologia, mas ele se dedicou à clínica das doenças mentais, tendo uma formação autodidata, pois esta especialidade não figurava como disciplina no currículo do seu tempo discente. Suas teses de concurso foram na temática neuropsiquiátrica: “Dos hemisférios cerebrais e suas funções psíquicas” (1877) e “Das distrofias por lesão nervosa: esboço de patogenia” (1880). (**Figura 3**)

Figura 3: Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_M%C3%A9dico-Cir%C3%BArgica_de_Lisboa#/media/Ficheiro:Escola_M%C3%A9dico-Cir%C3%BArgica_de_Lisboa.png

Ele se tornou um destacado psiquiatra e foi o organizador do exitoso XV Congresso Internacional de Medicina, razão da maior proximidade com o representante brasileiro no evento.

Dr. Bombarda trabalhou no Hospital de São José, mas se destacou quando, em 1892, passou a dirigir o Hospital de Rilhafoles (atualmente Hospital Miguel Bombarda), hospital psiquiátrico que buscou remodelar (COMISSÃO..., 2010). Dirigiu de 1892 a 1910, e deparou-se com um hospital degradado (DORIA, 2016), do mesmo modo que seu biógrafo, Juliano Moreira, dez anos depois, encontrou o Hospital Nacional dos Alienados no Rio de Janeiro, em 1902. As reformas que Bombarda realizou serviram de inspiração para o jovem psiquiatra que revolucionou a assistência psiquiátrica no Brasil, com destaque para a *ergoterapia*, que impressionou entre tantos o cientista Albert Einstein em viagem ao Brasil. O físico alemão quebrou o protocolo e aceitou na véspera de seu retorno para a Europa, o convite de Juliano para visitar o hospital e depois almoçar em sua casa com ele e esposa, tendo sido servida comida baiana (JACOBINA, 2019).

Sua fé na Ciência o fez polemizar com a igreja, a quem atribuía o atraso do país em particular com os Jesuítas: “O clericalismo, eis o inimigo!” (Bombarda apud DORIA, 2016, p. 101). Fez parte de inúmeras organizações da sociedade civil, com destaque para as sociedades científicas, nacionais e estrangeiras, entre as quais a Academia Real das Ciências

de Lisboa e a Sociedade de Ciências Naturais, da qual foi presidente. Juntamente com Manoel Bento de Souza, como referido antes, criaram a revista *Medicina Contemporânea* (COMISSÃO..., 2010; DORIA, 2016).

Ele foi o responsável pela construção do novo edifício da Escola Médico-Cirúrgica, que, em 1906, acolheu o XV Congresso Internacional de Medicina, com representantes de todo o mundo. Da comitiva oficial do Brasil, destacam-se os nomes de Juliano Moreira, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Afrânio Peixoto (DORIA, 2016).

Em 1908, foi eleito deputado, ainda no regime monárquico. O trágico foi que, em 3 de outubro de 1910, dois dias antes da vitória republicana que derrubou o regime monárquico, ele foi assassinado em seu gabinete por um doente, militar enlouquecido. Enfim, o êxito da revolução republicana, em no dia 5 do mesmo mês, ele não testemunhou por causa desta morte trágica.

Antes do próximo biografado por Juliano Moreira, vale a ressalva que o Hospital Miguel Bombarda, antigo Hospital de Rilhafoles, no verão de 2011, fechou as portas como hospital e foi colocado no mercado de arrendamento (PINHEIRO, 2019). **Figura 4.**

Figura 4: Hospital Miguel Bombarda, antigo Hospital de Rilhafoles 2019



Fonte: <https://www.dn.pt/poder/hospital-miguel-bombarda-vai-ter-habitacao-de-renda-acessivel--11076520.html>

O outro destaque foi o Professor **Júlio Xavier de Matos**, nascido a 26 de janeiro de 1856, na cidade do Porto (**Figura 5**). Também estudou na Escola de Médico-Cirúrgica de Lisboa e formou-se em 1880. O tema de sua tese doutoral foi “Patologia das alucinações”, que mereceu elogios de alienistas alemães e franceses (PASSOS, 1975).

Figura 5: Júlio Xavier de Matos (1856-1922)



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Xavier_de_Matos#/media/Ficheiro:Retrato_do_Dr._J%C3%BAlio_de_Matos.png

Ele é considerado o responsável pelo ensino oficial da Psiquiatria no ensino médico e a aplicação deste saber e prática da medicina legal. Já nomeada de Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, foi nomeado professor em 1911. O psiquiatra Alexandre Passos (1975) registra o testemunho de um discípulo sem nomeá-lo: “foi o maior alienista português de sua época” (p. 34). Entre suas obras se destacam: *A loucura, estudos clínicos e médico-legais* (1889). Ele dirigiu a revista *Positivismo* (LAROUSSE..., 1988b, p. 3.934);

Ele se encantou em Lisboa em 1922. Fundador de hospital psiquiátrico que hoje tem seu nome: Hospital Júlio de Matos ou Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, está situado na cidade de Lisboa, freguesia de Alvalade.

O terceiro foi aquele que Juliano Moreira construiu uma amizade mais duradoura. O também Júlio, **Júlio Dantas**.

Nasceu **Júlio Dantas** em Lagos no Algarve, em 19 de maio de 1876 (AMARAL, 2010; DUARTE MARCENEIRO, 2014), embora Alexandre Passos (1975) registre nove de maio. **(Figura 6)**.

Também formado na mesma faculdade dos dois anteriores (Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa), em 1899, defendendo a tese inaugural “Pintores e Poetas de Rilhafoles”, tema inspirado nas manifestações artísticas dos pacientes ali internados, muitas décadas antes de

Nise da Silveira receber destaque por também valorizar como terapêuticas as atividades artísticas dos pacientes internados. Foi aprovada *nemine discrepante* (PASSOS, 1975), por unanimidade, sem discrepância de ninguém, em bom latim, muito usado na época.

Figura 6: Prof. Júlio Dantas (1876-1962)



Fonte:Wikipedia

(https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Dantas#/media/Ficheiro:J%C3%BAlio_Dantas.jpg)

Filho de militar, ele foi médico oficial do Exército a partir de 1902, mas por pouco tempo exerceu este ofício bem como a clínica profissional. Iniciou em 1905 a sua carreira política, eleito deputado, e depois ampliou com sua carreira diplomática e literária.

Foi deputado e senador e, por quatro vezes, ministro tanto da Instrução Pública no governo de Antônio Granja, em 1920, como de Negócios Estrangeiros, no governo de Cunha Leal (1921-1922), no governo de Ginestal Machado (1923), Sua carreira pública terminou como diplomata, participando da embaixada especial do Brasil a partir de 1941, tornando-se embaixador de Portugal no Brasil, em 1949, tendo recebido pela Universidade do Brasil (Rio de Janeiro) o título de Doutor *Honoris Causa*. Este título também recebeu em 1954 em sua terra pela Universidade de Coimbra. No Brasil também participou de importante acordo ortográfico da língua portuguesa (AMARAL, 2010; DUARTE MARCENEIRO, 2014).

Entrou na Academia de Ciências de Lisboa em 1908 e foi presidente tomando posse em 1922. Muito provavelmente o seu maior protagonismo foi como escritor. Escreveu várias

obras em diversos gêneros da literatura, como poesias, contos, romances, ensaios e peças de teatro.

Em seus escritos se destacava o olhar para o mundo psíquico. Juliano Moreira guardava com zelo e carinho o primeiro livro de seu contemporâneo, uma obra poética com o instigante título “Nada”, produzido quando era ainda estudante (1896) (PASSOS, 1975). Ainda em poesia escreveu o livro *Sonetos* (1916). Sua poesia é inspirada na “lírica palaciana” do *Cancioneiro Geral* de Garcia Resende (AMARAL, 2010) e teve influência da escola parnasiana.

Foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Sociedade de Escritores Teatrais Portugueses, que originou a atual Sociedade Portuguesa de Autores (SPA). Foi também diretor do Conservatório Nacional de Lisboa, sendo professor de História da Literatura e diretor da seção de Arte Dramática. (DUARTE MARCENEIRO, 2014)

Como este artigo não faz história celebratória, encontramos registro com críticas em suas posições políticas e serão aqui registradas. “Considerado retrógado e oportunistas por alguns intelectuais seus contemporâneos”, como por exemplo Almada Negreiros, que escreveu e publicou o “Manifesto Anti-Dantas”, no qual publicamente o desconsiderou política e intelectualmente. (AMARAL, 2010)

Registro a não leitura do “manifesto” de Almada e retomando a crítica de alguns contemporâneos, ele foi considerado politicamente “um oportunista, pois estava sempre do lado de quem detinha o poder” (Almada Negreiros apud DUARTE MARCENEIRO, 2014). Um contemporâneo, Fernando da Costa, diz: “para se aproximar do Paço da Rainha escreveu *Ceia dos Cardeais*. Não recebendo os cargos e as honrarias a que julgava ter direito, aproveitou-se da crise do regime monárquico e fez *Um Serão nas Laranjeiras*, com denúncia da decomposição da corte. Mas não se afastou dela” (apud AMARAL, 2010).

Quando foi proclamada a República, aderiu e publicou no jornal *A capital*, o folhetim “Cruz de Sangue”, depois em livro ficou com o título *Pátria portuguesa* (1914), exaltando o povo e condenando a nobreza. Esta obra aborda também a questão do heroísmo, publicada no clima da primeira guerra mundial, tema que retomou mais tarde com *Marcha triunfal* (1954).

Em sua obra *O heroísmo, a elegância e o amor* (1923), ele crítica o culto à elegância e, como em outras obras, para tanto estudou os costumes da aristocracia do século XVIII (LAROUSSE..., 1988, p. 1.784). Aqui vejo coerência e não oportunismo do autor, pois, nessa época histórica por ele escolhida, abordou o efêmero, a morte e sobretudo a decadência da vida aristocrática (AMARAL, 2010).

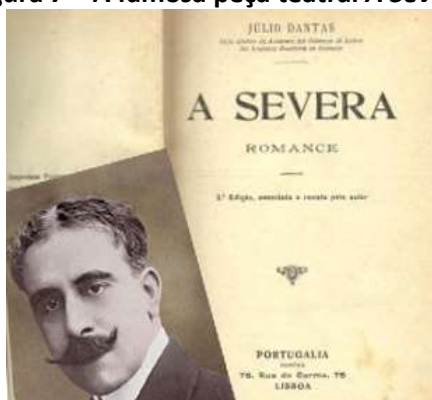
Perante o conflito desencadeado com a igreja pela Lei de Separação de Afonso Costa, redigiu a peça *A Santa Inquisição* (1910), em que condenou violentamente o tribunal do Santo Ofício. Aqui constato outra coerência do autor, pois ele só se casou civilmente e recusou um funeral católico, de acordo, portanto com suas convicções anticlericais (AMARAL, 2010).

Com o advento do regime salazarista, ele publicou a obra *Frei António das Chagas*, com um elogio “de quem se sacrifica, se imola pela Pátria” Com o fim da segunda guerra mundial e a derrota do nazifascismo, e a previsão do fim do Consulado de Salazar, ele reformula a peça “*Antígona*”, de 1946, fazendo uma crítica velada ao ditador por meio do personagem Creonte (AMARAL, 2010; DUARTE MARCENEIRO, 2014).

Por outro lado, intelectuais como David Mourão Ferreira e Vitório Nemésio defendem a qualidade literária e a maestria dramatúrgica da obra de Júlio Dantas. (AMARAL, 2020)

Entre suas peças teatrais destacam-se *A Severa* (1901), *A ceia dos cardeais* (1902), *O paço de Veiros* (1903), *Rosas de todo o ano* (1907) e *O reposteiro verde* (1912), entre outras (LAROUSSE..., 1988a, p. 1784). Com base em sua peça *A Severa*, baseada no romance do mesmo nome (**Figura 7**), o cineasta José Leitão de Barros realizou o primeiro filme sonoro português em 1931.

Figura 7 – A famosa peça teatral *A Severa*.



Fonte: https://fotos.web.sapo.io/i/occ076042/10379627_k7oZo.jpeg

Sua peça *A Ceia dos cardeais* (1902), citada acima, é considerada uma das mais populares produções teatrais portuguesas em todos os tempos, tendo sido traduzida em, pelo menos, 20 línguas. *Rosas de todo o ano* (1907) e *O reposteiro verde* (1912) revelaram o seu estilo naturalista.

Júlio Dantas quando esteve no Brasil, participando como representante oficial de Portugal na comemoração do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, em 1922, além das atividades formais, nas reuniões do congresso, mais de uma vez esteve na residência de Juliano e Augusta Peck Moreira na Praia Vermelha (PASSOS, 1975). Não sabemos se ele também comeu comida baiana, como o físico alemão Albert Einstein (JACOBINA, 2019). **Figura 8.**

Figura 8 – Residência de Juliano Moreira e sua esposa Augusta Peck Moreira no Hospital Nacional de Alienados (HNA).



Obs.: O prédio do HNA se tornou a sede da Reitoria da UNIRIO – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na foto de interior da residência, a sala onde o psiquiatra baiano realizava famosos saraus.

Fonte: Fonte: Acervo de Maria de Fátima Vianna de Vasconcelos.

Ele se encantou em Lisboa no dia 25 de maio de 1962. Em sua terra natal, Lagos, tem um busto e, além de ser patrono da Escola Secundária Júlio Dantas, a principal escola secundária da cidade, ele dá o nome à biblioteca pública.

2.1 BIOGRAFA DE JULIANO MOREIRA PARA PORTUGUÊS NATURALIZADO BRASILEIRO NA BAHIA

Tivemos com Moreira a biografia de um brasileiro naturalizado português, agora vamos seguir em sua produção histórica, o texto sobre um português naturalizado brasileiro que viveu na Bahia e se destacou em todo país e em muitos centros intelectuais do mundo.

Para comemorar o jubileu da *Gazeta Médica da Bahia* (1866-1916), uma das mais importantes revistas médicas do país, sobretudo no século XIX e primeiras décadas do XX, Juliano Moreira escreveu um artigo nos *Archivos Brasileiros de Medicina*, também publicado na revista *Bahia Illustrada* no mesmo ano (MOREIRA, 1918). Moreira, que pertenceu à terceira geração de médicos denominados por Pedro Nava, em 1948, de membros da “Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia” (NAVA, 2003) e renomeados por Antônio Coni (1952) de simplesmente “Escola Tropicalista Bahiana”.

De início proclamou que, “nos países novos” como o Brasil, meio século de existência de uma revista é um acontecimento digno de jubiloso registro (MOREIRA, 1918, p.2) e passou a descrever e analisar esses 50 anos, com ênfase nos fundadores e no primeiro período.

Foi em 1866, em Salvador, que “um grupo de médicos achou útil sobrepor-se à indiferença dos profissionaes de seu tempo e resolveu completar as reuniões que efetuavam para trocar ideias, com a publicação de uma revista mensal” (MOREIRA, 1918, p. 2). Esse objetivo está na publicação do editorial da *Gazeta Médica da Bahia (GMB)* que se iniciou em julho de 1866. O grupo de profissionais era composto por John Paterson, Francisco da Silva Lima, Otto Wucherer, Januário de Faria e Pires Caldas, “sob a direcção nominal de Virgílio Damásio, porque o verdadeiro director da Revista era Silva Lima” (p. 2). Esta afirmativa de Juliano Moreira fortalece análise sobre o diretor efetivo da primeira fase do periódico ter sido Silva Lima (JACOBINA e cols., 2008). Ainda estudante, Antônio Pacífico Pereira já auxiliava na redação e logo depois assumiu o cargo que mantinha até aquele momento (MOREIRA, 1918).

O articulista referiu que prestava homenagem à *GMB* redigindo uma curta biografia do “velho Silva Lima”, mantenedor maior da revista (**Figura 9**). Para Moreira, dr. José Francisco da Silva Lima era aquele tipo de “médico perfeitíssimo exigido pelos cânones das mais severas escolas profissionaes” (p. 2). Afirmava que pelos seus altos méritos estava entre aqueles cujo legítimo renome dava “lustre aos seus antepassados em vez de os receber do esplendor de sua origem” (MOREIRA, 1918, p. 3). Aqui, nota-se que JM, neto de escravos e de família humilde, dialoga mais uma vez com sua própria origem.

Figura 9 – Francisco da Silva Lima (barba branca e com guarda-chuva) ao lado de Juliano Moreira. 1901.



Fonte: Memorial Professor Juliano Moreira

José Francisco Silva Lima nasceu em 16 de janeiro de 1826 (outros autores colocam dia 15), mas fica aqui a data do articulista Juliano Moreira, até que, em outro momento, seja possível conseguir precisão factual, afinal “escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia” (BENJAMIN, 2006, p. 518).

Suas primeiras letras foram em sua pequena aldeia natal (Vilarinho, atualmente uma vila e freguesia portuguesa do conselho de Santo Tirso, não referida pelo autor), em Portugal. Veio ao Brasil para trabalhar com o tio, Agostinho Dias Lima, comerciante de ‘drogas medicinaes’. Aprendeu línguas estrangeiras e passou a dar aulas, cujos ganhos possibilitaram a continuidade de seus estudos. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb), e, aos 25 anos, em 9 de dezembro de 1851 defendeu sua tese “*Dissertação filosofica e critica acerca da força medicatriz da natureza*”, recebendo o grau de Doutor.

Em 1853, fez viagem à Europa para aperfeiçoar seus conhecimentos profissionais. Em 1858, já médico do Hospital de Caridade da Santa Casa, fez nova viagem à Europa. Fez amizade com médicos renomados como o também português de origem alemã Otto Wucherer, o escocês John Paterson e os brasileiros Antônio José Alves, cirurgião e professor da Fameb, e Ludgero Ferreira.

Paterson, deplorando o isolamento dos colegas, propôs um grêmio para a realização de duas palestras por mês, revezando a casa de cada um deles, para discutir tanto assunto da profissão quanto questões científicas e exames de doentes. Eram sete membros originalmente, os cinco citados acima e os médicos Pires Caldas, também da Santa Casa de Misericórdia (SCM), e Januário de Faria, professor de Clínica Médica da Fameb. Moreira deu

destaque a Wucherer, que havia cursado na universidade alemã de Tubingue, onde aprendeu a manejar o microscópio, tendo sido também médico assistente do Hospital de São Bartolomeu, em Londres. Na Bahia, iniciou suas investigações sobre uncinariose (helmintose intestinal) e filariose, outra verminose. Moreira não detalhou, mas vale registrar que, em 1866, Wucherer descobriu microfilárias em urina quilosa, desvendando o agente etiológico da filariose, também chamada elefantíase, recebendo a homenagem patronímica do gênero *Wuchereria*, sendo uma das espécies a *Wuchereria bancrofti* (NEVES et al., 1995).

Um ano depois, já falecidos Ludgero Ferreira e Antônio Alves, os cinco restantes resolveram publicar uma revista médica. Em 10 de julho de 1866 apareceu o primeiro número da *Gazeta Médica da Bahia*. Mais uma vez, embora tenha o nome de Virgílio Damásio, Moreira dá o crédito do editorial inicial a Silva Lima, que incitava os colegas a não ficar condenados à inércia e a admirar os trabalhos dos outros, pois todos os “operários da sciencia” teriam obrigação de acrescentar ao patrimônio comum da medicina um pouco mais, transmitindo às gerações futuras mais do que herdaram dos seus antepassados. Moreira registrou que, levados por este incitamento, muitos trabalhos de valia foram aparecendo nos sucessivos números do excelente periódico da Bahia. E desse modo, recebeu a atenção dos melhores órgãos de medicina do Velho Mundo. Citou o exemplo do *British Medical Journal*, que ainda no primeiro ano ofereceu a parceria de permuta (MOREIRA, 1918, p. 2).

Destacou também que foi na *GMB* que Silva Lima publicou as primeiras observações do *ainhum*, enfermidade que passara despercebida aos clínicos do Brasil e aos que tinham ido à África. Pena não ter registrado que a doença ganhou o nome de *Doença de Silva Lima*. Destacou também as observações do mestre sobre o beribéri, “que também não tinha sido descripto em toda a America tropical” (MOREIRA, 1918, p. 2). Os estudos de beribéri foram reunidos no volume “Ensaio sobre beribéri”, de 1872 (p. 3). JM citou vários autores estrangeiros que fazem citação dos trabalhos do mestre e comentou que vários artigos da *Gazeta* foram apreciados fora do país, sendo resumidos ou mesmo merecendo traduções em revistas estrangeiras (p. 3).

Seu biógrafo lembrou que, na *GMB*, Silva Lima publicou excelentes observações clínicas, de casos observados entres seus pacientes hospitalares ou da clínica particular, muito numerosa. Além do Hospital da Caridade da SCM, ele também atuava no Hospital Português e, apesar de seus compromissos profissionais, empreendeu viagens à Europa em 1870, 1873 e 1881 para se atualizar. Chegou a criar um museu médico clínico no Hospital da Caridade, mas numa dessas viagens, um diretor, que JM não referiu o nome, “collega tão descrente da sciencia quanto santo varão temente a

Deus”, fez enterrar todo o material do museu de observações cirúrgicas ou de necropsias dos casos clínicos com óbito. Tal fato foi narrado pelo próprio mestre a Moreira. Entre as peças destruídas estava o de um caso hospitalar em que uma comunicação se estabeleceu entre o cólon transversal e o pulmão esquerdo, dando em vida a expectoração de fezes (MOREIRA, 1918, p. 3). Este caso foi publicado na *GMB* de 25 de dezembro de 1866.

De suas atuações em entidades médicas e eventos, JM destacou a presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia, fundada em 1888, tendo sido Silva Lima o primeiro Presidente, demonstrando o seu prestígio entre os colegas. Em 1899, no 3º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia coube ao “sábio *tropicalista*” a presidência das sessões (p. 3; grifo nosso). Aqui, constatamos que Nava e Coni tiveram referências anteriores para denominar aquela “associação de facultativos” como “escola *tropicalista*”.

Nos 35 primeiros tomos da *GMB* não houve volume sem trabalhos escritos pelo “mais operoso dos redactores do velho periódico” (p. 3). Outro destaque em sua obra foi o de ter sido o pioneiro a se ocupar, sob o título de *Glossário Médico*, dos vocábulos, frases e locuções incorretas ou “variavelmente escriptos, pronunciados ou interpretados” (p. 3).

Nunca ocupou qualquer cargo oficial remunerado, todavia presidiu comissões que tratavam de problemas de saúde pública, como o Conselho Superior de Higiene Pública do Estado da Bahia. Embora não tenha exercido formalmente o magistério oficial, como médico do Hospital de Caridade, o hospital-escola da época, revelou-se um grande docente, congregando dezenas de alunos que o acompanhavam nas visitas às enfermarias

E que se sentiam vivamente attrahidos por seu ensino singelo, consiso, demonstrativo, em que pouco se falava, mas onde a evidencia de phenomenos, a abundância de factos, a clareza das asseverações e sobretudo, a severíssima probidade dos conceitos deixavam o espírito seriamente esclarecido e satisfeito. Fundou ele, por assim dizer, no Brasil uma espécie de *livre docência* que bem era para almejar mais imitada (MOREIRA, 1918, p. 3; grifo nosso).

Ao chamar Silva Lima de ‘tropicalista’ e depois de dar o título de ‘livre docente’ na prática, Juliano Moreira ofereceu as bases para Nava e depois Coni batizarem como “Escola Tropicalista” os membros daquela *associação de facultativos*. Com tais dados, será muito justo se a FMB vier a dar o título de Professor Honorário ao Dr. Francisco Silva Lima, mesmo póstumo, pois, como se constata no testemunho de um de seus alunos mais brilhantes, ele foi efetivamente um professor e, na *prática* da medicina, ele tinha a humildade de aprender com os erros e ensinar aos novos para não repetir. Sobre o homem, disse Moreira: “naquella serenidade olympica de alma e de corpo brilhava como um pharol mais alto e mais sublime *a sua excellencia moral*” (MOREIRA, 1918, p.3; grifo nosso).

No bicentenário da FAMEB em 2008, os monitores do eixo de “Ética e Conhecimento Humanístico” solicitaram um nome para o livro feito para celebrar a data festiva e o nome do protagonista para o tema da Ética Médica sugerido pelo autor deste artigo foi o de José Francisco Silva Lima, com 60 anos de contínuos estudos, como ressaltou Moreira, biógrafo contemporâneo do biografado. Esse testemunho de Juliano Moreira sobre a “excelência moral”, como de outros colegas, além da tradução do “Código de Ética Médica adotado pela Associação Médica Americana”, publicado na *GMB* em 31 de outubro de 1867, colaborou para a sugestão de seu nome como o destaque dos formados pela Faculdade no campo da ética e resultou num belo capítulo (SOLLA & DOURADO, 2015).

Juliano Moreira referiu que já tinha escrito um artigo sobre o “venerando mestre” Silva Lima há sete anos para o *Brasil Médico*, por ocasião do seu encantamento, em 10 de fevereiro de 1910. Concluiu divulgando o sumário do número jubilar da *GMB* de 1º de julho de 1916 e nomeou todos os autores dos artigos sobre Silva Lima: o professor Pacífico Pereira, Gonçalo Moniz, Oscar Freire, Garcez Fróes, Eduardo Moraes, Caio Moura, Alfredo Magalhães, Martagão Gesteira, Octávio Torres, Alfredo Brito, [Aristides] Novis, Genesio Sales e Tavares Lima (MOREIRA, 1918, p.4). Era uma homenagem a alguns de seus mestres e colegas, quando foi aluno e depois professor da Fameb.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Neste artigo se revela mais um talento do médico Juliano Moreira, o de historiador, aqui em particular escrevendo biografias breves de outros médicos de Portugal, portugueses, brasileiro que se destacou lá e de português que se destacou aqui no Brasil. São profissionais que conheceu pessoalmente e teve respeito intelectual pela atuação dos colegas na profissão e, de alguns, também pelo talento para além da medicina. O primeiro Manuel Bento de Souza, Moreira ressaltou que não produziu tanto como poderia pelas dificuldades institucionais em Portugal. Ele buscava nos biografados as dificuldades que ele próprio sofria na Bahia e de certa forma continuou na capital do país para realizar uma prática psiquiátrica moderna e produzir pesquisas relevantes.

Sua estadia em 1906 no XV Congresso de medicina em Lisboa, permitiu o contato mais próximo com três médicos psiquiatras em Lisboa, todos formados na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. São eles: Miguel Bombarda, Júlio de Matos e Júlio Dantas. O primeiro natural do Rio de Janeiro, naturalizou-se português aos 18 anos e foi destacado médico

psiquiatra autodidata, sendo nome de famoso manicômio na capital portuguesa. O Júlio Matos também foi um psiquiatra famoso, sendo também nome de hospital da especialidade. O terceiro, Júlio Dantas se destacou mais como político e escritor, tendo críticos e admiradores, mas com obras famosas até hoje. Foi o que teve dos três amigos de Portugal maior proximidade com Moreira. Por fim, o português naturalizado brasileiro e formado na Faculdade de Medicina da Bahia; José Francisco da Silva Lima, um dos geniais membros da chamada “Escola Tropicalista Bahiana”. Ele teve como poucos um olhar para os humildes, inclusive para os escravos e uma doença étnica o *ainhum*, que ganhou seu nome: “Doença de Silva Lima”. Foi destaque no plano da ética médica e da direção de um periódico médico que teve prestígio e ainda tem para além das fronteiras brasileiras. Foi um mestre na prática para Juliano Moreira e quando de seu encantamento Juliano escreve uma digna biografia breve ao seu “livre docente”.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Manuel. “Júlio Dantas”. **O amor em Portugal no século 18**. Lisboa, 2010. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/amoremportugal/juliodantas.html> Acesso em 2 de julho de 2020
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- COMISSÃO Nacional para as Comemorações do Centenário da República. “Miguel Augusto Bombarda”. República nas Escolas. **Centenário da República 1910-2020 – Portugal**. Lisboa, 2010. Disponível em: <http://centenariorepublica.pt/escolas/personalidade-republica/miguel-augusto-bombarda> Acesso em 01 de julho de 2020.
- CONI, Antônio Caldas. **Escola Tropicalista Bahiana**. Salvador: Livraria Progresso, 1952.
- DÓRIA, José Luís. Miguel Bombarda: o edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e o XV Congresso Internacional de Medicina – Lisboa, 1906. In: DUARTE, Zeny; MALHEIRO DA SILVA, Armando. (Org.). **Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia: olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e estar” médico-cultural**. Salvador: EDUFBA, p. 97-122, 2016.
- DUARTE MARCENEIRO, Vítor. “Júlio Dantas – autor de ‘A Severa’ ”. *Lisboa no Guinness Capital do fado. A cidade mais cantada no mundo*. Lisboa, 7 de março de 2014. Disponível em: <https://lisboanoguiness.blogs.sapo.pt/265919.html> Acesso em: 1 de julho de 2020
- JACOBINA, Ronaldo R. **Juliano Moreira: da Bahia para o Mundo. A formação baiana do intelectual de múltiplos talentos**. Salvador: EDUFBA, 2019.
- JACOBINA, Ronaldo R.; Chaves, Leandra; Barros, Rodolfo. A “Escola Tropicalista” e a Faculdade de Medicina da Bahia. **Gazeta Médica da Bahia**, v. 78, n. 2, p. 86-93, jul.-dez. 2008.

- LAROUSSE Cultural. **Grande Enciclopédia. Volume 9.** “Dantas (Júlio)”. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1988a, p. 1784.
- LAROUSSE Cultural. **Grande Enciclopédia. Volume 20.** “Matos (Júlio Xavier de)”. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1988b, p. 3.934.
- MOREIRA, Juliano. Karl Ludwig, Karl Thiersch e Karl Vogt. **Gazeta Médica da Bahia**, v.26, n. 12, p. 435-442, jun. 1895a.
- MOREIRA, Juliano. Pasteur. (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 6/10/1895). **Gazeta Médica da Bahia**, v.27, n.4, p. 159-174, out. 1895b.
- MOREIRA, Juliano. O prof. Manoel Bento de Souza (de Lisboa). Traços biographicos. **Gazeta Médica da Bahia**, v.30, n. 12 p.574-577, jun. 1899.
- MOREIRA, Juliano. Prof. Von Ziemsssem. Necrologia. **Gazeta Médica da Bahia**, v.33, n.8, p.377-379, fev. 1902a.
- MOREIRA, Juliano. Professor Moriz Kaposi. Necrologia. **Gazeta Médica da Bahia**, v.33, n.10, p.481-484, abr. 1902b.
- MOREIRA, Juliano. Silva Lima e a Gazeta Médica da Bahia (1866-1916). **Bahia Illustrada**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.02-04, fev. 1918.
- NAVA, Pedro. “Apontamentos para o estudo de História da medicina científica e da experimentação no Brasil” [1948]. In: NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina do Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003. p. 125-150.
- NEVES, David P.; MELO, Alan Lane de; LINARDI, Pedro Marcos. **Parasitologia humana**. 9ed. São Paulo: Atheneu, 1995.
- PASSOS, Alexandre. **Juliano Moreira (Vida e Obra)**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. 56p
- PEREIRA, Artur Torres; BOTELHO, Luiz Silveira; SOARES, Jorge. **“Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Histórico”**. Lisboa, PT, Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 2016.
- PINHEIRO, Ana Margarida. “Hospital Miguel Bombarda e outros 28 edifícios terão rendas acessíveis”. Habitação. **Revista eletrônica Dinheiro Vivo**. Lisboa, 4 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/economia/hospital-miguel-bombarda-e-outras-28-edificios-terao-rendas-acessiveis/> Acesso em 2/07/2020
- SCML. “Bento de Souza (1875-1876). 131º Presidente. Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa”. Dados históricos. Lisboa, PT, 1995. Disponível em: <https://www.scmed.pt/index.php/a-scml/historia/presidentes-da-sociedade-das-ciencias-medicas-de-lisboa/95-scml/historia/presidentes-da-sociedade-das-ciencias-medicas-de-lisboa/presidentes/131-bento-de-sousa-1875-1876> Acesso em: 29/06/2020.
- SOLLA, Davi Jorge F. et al. (Org.). **Faculdade de Medicina da Bahia: 200 Anos De Pioneirismo**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 57-83.

<p>Recebido/ Received: 18/08/2020 Aceito/ Accepted: 09/09/2020 Publicado/ Published: 25/10/2020</p>
